



Opinião Econômica

Michael França

Ciclista, vencedor do Prêmio Jabuti Acadêmico, economista pela USP e pesquisador do Insper. Foi visiting scholar nas universidades da Columbia e Stanford

banrisul

O que os nordestinos têm para ensinar ao mundo?

Eles transformaram o São João e fizeram do forró algo que aproxima histórias

O forró começa. Enquanto a sanfona puxa o ar, a zabumba marca o passo e o triângulo riscava o tempo. Então dois corpos se aproximam. Uma mão encontra a cintura, a outra se entrelaça no alto e duas pessoas decidem confiar uma na outra pelo tempo de uma música.

O mundo, cansado de tantos medos e distâncias, poderia aprender alguma coisa com esse abraço.

O forró nasceu onde a vida era dura. Veio da terra rachada, do céu que demorava a chover, das casas de taipa, como aquela onde meu pai nasceu, onde a fome às vezes sentava à mesa sem ser convidada. E foi justamente ali, no chão mais áspero do país, que floresceu uma das festas mais alegres que o

Brasil já soube reinventar. Ali, no sertão nordestino, o São João ganhou uma forma própria, tornando-se uma das maiores expressões culturais do país.

O sertanejo aprendeu cedo que esperar a abundância para celebrar seria esperar a vida inteira. Então fez da escassez um arraial. Acendeu a fogueira, vestiu o xadrez, soltou o balão da imaginação e dançou.

Talvez seja essa a primeira lição que esse povo tão acostumado à dureza tem a ensinar ao mundo. A alegria não pede licença à riqueza. Ela se basta com um pé de terra, uma sanfona velha e gente disposta a se mexer. Gente disposta a viver e compartilhar. Em um tempo em que tantos acreditam que felicidade se compra, o São João

lembra que algumas das melhores festas do país acontecem em praça aberta, de graça e com canjica servida na caneca.

O forró também ensina um tanto sobre conexão. Diferente de tantas danças modernas, em que cada um se agita sozinho no seu próprio quadrado, o forró exige o outro. É preciso uma mão para conduzir e uma mão para se deixar conduzir.

Nessa troca de pesos e gestos mora uma espécie de conversa que dispensa palavras. Conduzir bem é saber ouvir com o corpo e também saber ouvir o outro. E quem dança aprende, sem que ninguém precise dizer que liderar também é cuidar para que o outro não tropece.

Luiz Gonzaga, para mim, um dos maiores músicos de todos os tempos, entendeu isso melhor que ninguém. Pegou a sanfona, colocou o sertão debaixo do braço e o levou para o Brasil inteiro. Cantou a saudade de quem partiu, a chuva que não vinha e a Asa Branca que cruzava o céu fugindo da seca.

Transformou a dor de um povo em melodia que o país todo passou a cantarolar. Isso tudo é tão bonito porque existe aí uma alquimia rara, a de pegar aquilo que machuca e devolver em forma de beleza. Poucas artes fazem isso com tamanha generosidade.

E existe ainda uma linda ternura em volta do gesto da fogueira. No interior, o fogo é aceso e, ao redor dele, as famílias se juntam,

os vizinhos chegam e alguns namoros começam. A fogueira de São João é o oposto do isolamento. É um convite a ficar perto, a partilhar o calor e a deixar que o rosto do outro seja iluminado pela mesma chama que ilumina o nosso.

Em um mundo que anda tão encolhido dentro de cada um, o forró oferece uma forma de aconchego.

Chegue perto. Confie no passo de quem está à sua frente.

Faça festa antes que a vida fique perfeita, porque ela nunca fica.

E, quando a sanfona chamar, lembre-se de que o sertão, mesmo seco, sempre encontrou um jeito de florescer dançando. E que, a cada instante, a vida nos convida a viver algo bonito, mesmo que breve. Como um singelo abraço demorado durante uma música lenta.

O texto é uma homenagem à música Asa Branca, de Luiz Gonzaga.

Dívida pesando ou caixa apertado?

Com o Desenrola Brasil no Banrisul, você encontra formas de reorganizar as finanças e seguir em frente, seja pessoa física ou empresa.



SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

RS deixa de arrecadar R\$ 6 bi com incentivos fiscais

/ TRIBUTOS

Mauro Belo Schneider

mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

O Rio Grande do Sul ultrapassou R\$ 6 bilhões em benefícios fiscais em 2026, uma média de R\$ 1 bilhão por mês. A informação foi detalhada pelo presidente da Associação dos Auditores Fiscais da Receita Estadual do RS (Afisvec), Eduardo Jaeger, ontem, ao divulgar o Prêmio Estadual de Educação

Fiscal. Os números são atualizados em tempo real no Incentivômetro, iniciativa lançada pela entidade em 2020. A quantia de R\$ 6 bilhões é a soma de isenções ou reduções de base de cálculo à iniciativa privada. “Na cesta básica, o imposto é reduzido a 7%”, exemplifica.

O Rio Grande do Sul, cita Jaeger, é um dos maiores produtores de biodiesel do Brasil pelos incentivos. Para o setor do aço também são em torno de R\$ 300 milhões por ano para manutenção da ca-

deia. “Isso é sentido na competitividade. Os estados de Santa Catarina e Paraná estavam atraindo empresas do Rio Grande do Sul”, justifica. Para o presidente da Afisvec, o objetivo dos benefícios fiscais é transformá-los em atividade econômica. “Se isso mantém as nossas empresas ativas, gera emprego, gera renda, é o que importa”, sublinha.

Ele teme, no entanto, que a Reforma Tributária impacte esse processo. “Com a tributação sendo destino, não vamos poder mais usar mão de benefício fiscal e tributário. Está proibido, a legislação é única, nacional. Como vamos manter a competitividade dessas indústrias aqui? Vai haver uma realocação de investimentos”, acredita.

O Prêmio Estadual de Educação Fiscal está com inscrições abertas até o dia 30 de junho nas categorias Escola, Imprensa, Tecnologia e Instituições. Jaeger, que foi recebido na redação do JC, no Tecnopuc, pelo diretor-presidente do JC, Giovanni Jarros Tumelero, reforçou, ainda, o papel dos tributos para o bom funcionamento da sociedade.

Mundo Business reúne lideranças para debater futuro de Porto Alegre

/ DESENVOLVIMENTO

Com o objetivo de valorizar Porto Alegre e destacar cases de sucesso de empresas que impulsionam a economia local, geram empregos e contribuem para o desenvolvimento da Capital, o evento Mundo Business Porto Alegre reunirá, hoje, lideranças empresariais, gestores públicos e formadores de opinião para debater o futuro da cidade.

A programação abordará temas que vão do planejamento urbano à gastronomia, passando pelo desenvolvimento do 4º Distrito, turismo, mercado imobiliário e entretenimento.

O encontro promete receber cerca de 250 participantes das 13h às 18h, no Instituto Caldeira.

Segundo Júlia Tavares, diretora do Polo Rio Grande do Sul da Apex Partners, promotora do evento, a proposta é evidenciar as potencialidades econômicas de Porto Alegre em um período promissor da cidade.

“Porto Alegre vive um momento importante, com a apro-

vação do Plano Diretor após 25 anos e a retomada do turismo, fortalecida no período pós-pandemia. Hoje, o setor movimentou a cidade, que também conta com uma cena gastronômica cada vez mais forte, marcada pela consolidação de restaurantes e pela abertura de novos empreendimentos”, afirma. a diretora do Polo Rio Grande do Sul da Apex Partner.

Programação do Evento

- 🕒 13h00 – Welcome Coffee e Credenciamento
- 🕒 14h00 – Apresentação de Dados
- 🕒 14h10 – Pesquisa Política
- 🕒 14h30 – Novo Plano Diretor: o Futuro Urbano da Cidade
- 🕒 15h10 – O Novo Momento de Porto Alegre
- 🕒 15h40 – Case VG Paisagismo
- 🕒 15h50 – Gastronomia: Negócio, Identidade e Cultura
- 🕒 16h30 – Turismo e Entretenimento: a Economia da Experiência
- 🕒 17h10 – Happy Hour by Salton



Quantia é soma de isenções ou reduções de base de cálculo, diz Jaeger